



A Influência Da Hermenêutica Filosófica De Hans-Georg Gadamer Na Teoria Da Racionalidade Das Tradições De Alasdair Macintyre

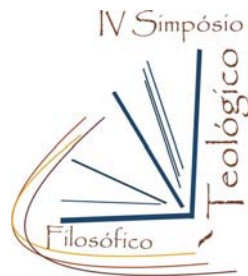
Márcia Pereira Marques

Mestranda / UFC / Filosofia

Co-autor: prof. Helder Buenos Aires de Carvalho – Doutor /UFPI / Filosofia

Introdução

A hermenêutica filosófica teve um papel fundamental na filosofia contemporânea, ela foi responsável pela descoberta da historicidade do conhecimento e da compreensão, com ela cai por terra o “mito” do sujeito solipsista que sozinho constrói o conhecimento do mundo, fora da história e do tempo. A Hermenêutica trouxe-se para a cena filosófica a descoberta de que o homem através de suas categorias não pode conhecer o mundo, visto que a compreensão do mundo só se dá a partir de um horizonte histórico no qual o homem está mergulhado desde seu nascimento, assim mesmo sem seu conhecimento age sobre ele a tradição a qual ele pertence. Hans-Georg Gadamer é um dos principais representantes da hermenêutica filosófica contemporânea e seu grande feito foi a reabilitação dos pré-conceitos como condição ineliminável de toda compreensão do mundo. A reabilitação que Gadamer realiza dos pré-conceitos de autoridade e tradição, mesmo não sendo seu objetivo, acaba influenciando diretamente algumas correntes éticas contemporâneas que lançaram mão desta reabilitação dos prejuízos e da tradição para fundamentar suas teorias morais. Em nossa hipótese, esta reabilitação constitui o ponto de partida da teoria moral formulada por Alasdair MacIntyre, um teórico que procura recuperar a racionalidade dos conceitos morais através da tematização dos mesmos dentro das tradições de pesquisa racional. Conceitos como eficácia histórica, autoridade e tradição, pré-conceito e fusão de horizontes são alguns dos elementos que foram incorporados à



concepção macintyreana de racionalidade das tradições. MacIntyre lança mão de da hermenêutica filosófica para elaborar uma concepção de racionalidade implícita nas tradições, e esta concepção de racionalidade é, segundo ele, superior àquelas que permeiam o debate contemporâneo.

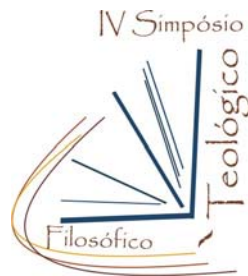
Alasdair MacIntyre é um filósofo escocês radicado nos Estados Unidos que vem realizando uma notável defesa da retomada da ética das virtudes numa perspectivas aristotélica-tomista como saída para os problemas que permeiam a linguagem e prática morais do nosso século.

Um fato que, sem dúvida, merece destaque na teoria ética deste filósofo escocês é que ele se esforça em recolocar a tradição como lócus da pesquisa racional, e para tal MacIntyre lança mão de um conceito de tradição inovador, diferentemente da visão negativa iluminista, que coloca tradição e razão lado a lado.

Não nos interessa aqui explicitar a teoria das virtudes de MacIntyre, nosso objetivo é basilar, discorreremos sobre a teoria da racionalidade das tradições que tem como foco central a defesa de uma concepção de racionalidade implícita à estrutura das tradições de pesquisa moral. Esforçar-nos-emos em explicitar sua matriz hermenêutica de influencia gadameriana. Nossa hipótese é que há na filosofia moral de MacIntyre elementos oriundos da hermenêutica filosófica de Gadamer, que traremos à tona neste artigo.

MacIntyre é um teórico que, consciente da historicidade do pensamento, constrói sua teoria no embate com seu tempo histórico, isto significa que ele dialoga com as várias temáticas da filosofia contemporânea e com seus respectivos representantes.

O Impacto da Hermenêutica Filosófica de Gadamer na Filosofia Contemporânea



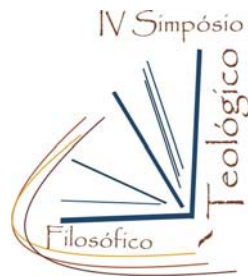
Hans-Georg Gadamer é uma das figuras centrais da virada hermenêutica na filosofia contemporânea, virada esta que se constituiu como um momento de inovação do pensamento contemporâneo pela assunção ao primeiro plano do problema interpretativo em problema não somente teórico, mas ontológico. A hermenêutica, tal como foi elaborada por Gadamer, tem a pretensão de tornar-se um novo paradigma de filosofia. A questão central que a move é a pergunta sobre as condições de possibilidade da compreensão humana.

Gadamer é autor de uma vasta obra, dentre as quais “Verdade e Método” é a mais significativa. Dois são os eixos sobre os quais se debruça a hermenêutica gadameriana: uma filosofia teórica, que reflete a finitude do homem, e uma prática, que lança mão da Phronesis aristotélica e da lebenswelt husseliana. No âmbito da filosofia teórica, seu pensamento gerou certas inquietações e questionamentos no pensamento contemporâneo ao requisitar para o sujeito da compreensão, em sua finitude, a primazia de sua situação histórica. No âmbito da filosofia prática, ele inovou ao afirmar que a estrutura da linguagem e o seu exercitar, que permite ao homem viver em comunidade e agir em seu mundo cotidiano, determinarão uma dialógica, ou seja, uma comunidade pelo diálogo¹.

A obra de Gadamer pode ser considerada a responsável pela ênfase que os filósofos contemporâneos dão aos limites das várias abordagens filosóficas e da racionalidade em geral, despertando-os para a necessidade de enfrentar a finitude e o caráter contingente dos nossos esforços de compreender o mundo e a nós mesmos. Para Gadamer, há hermenêutica porque o homem é hermenêutico, ou seja, finito e histórico.

Gadamer direciona sua filosofia para a pergunta acerca da importância que há para a compreensão do homem saber-se carregado por uma história,

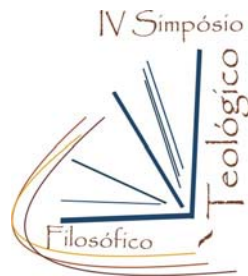
¹ Sobre *Situação e Dialógica* em Gadamer ver: Velloso, Rita de Cássia Lucena. Dissertação, UFMG, FAFICH.



que se articula para nós como linguagem de uma tradição, quais são as conseqüências para a compreensão do homem que ele se reconheça como um ser histórico que pertence a uma tradição. Isso é que Gadamer chama de experiência hermenêutica fundamental, é o reconhecimento da historicidade da nossa compreensão, o reconhecimento que algo age sobre nós e que este algo, a tradição, é um importante constitutivo do sentido.

Assim Gadamer, posiciona-se ao lado de Heidegger na defesa da estrutura prévia da compreensão. Porém, ao mesmo tempo em que lança mão de Heidegger, Gadamer se distancia do mesmo quanto aos fins da utilização da hermenêutica, visto que Heidegger a usava para fundamentar a estrutura prévia da compreensão e a preocupação de Gadamer é compreender como ela pode fazer jus à historicidade da compreensão. Ao reabilitar o pré-conceito e a tradição adotando a experiência privilegiada da consciência histórica, Gadamer insere sua reflexão no percurso histórico da luta entre o romantismo e a prevenção contra os preconceitos do Iluminismo. É com o Iluminismo que o conceito de tradição e autoridade adquiriram a conotação negativa que nos é familiar hoje, limitando o seu significado de juízo infundado. O pré-conceito passou a ser entendido como aquilo que deve ser abandonado para alcançarmos o pleno uso da nossa razão. Os adeptos do Iluminismo propuseram que a razão se desvencilha-se dos pré-conceitos. Para eles, somente a razão pode conduzir à liberdade total e efetiva do homem, que até então se encontrava sujeita a ditadura da autoridade e da tradição. Neste contexto, a idéia de razão é central na fundamentação das ciências modernas.

Gadamer assume a perspectiva heideggeriana de valorização da estrutura prévia da compreensão, ou seja, ele afirma os pré-conceitos ou pré-juízos como condição de possibilidade de toda compreensão. Ao ser interpelado o interprete se lança, ou seja, se projeta no outro que a princípio lhe é estranho. Neste projetar-se lê lança mão de seus pré-conceitos, pondo-os em jogo, questionando-os em sua validade. Os conceitos prévios que não

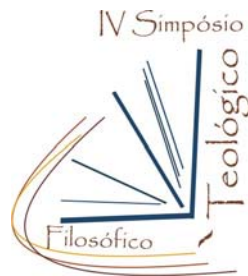


conseguirem validar-se ao longo da interpretação serão substituídos por outros mais adequados, isto significa que o interprete realizará constantemente um projetar-se que o levará a uma compreensão e interpretação genuína.

“A compreensão só alcançará sua verdadeira possibilidade quando as opiniões prévias, com as quais inicia, não forem arbitrárias. Por isso, faz sentido que o interprete se dirija diretamente aos textos a partir da opinião prévia que lhe é própria, mas examine expressamente essas opiniões quanto a sua legitimação, ou seja, quanto à sua origem e validade” (Verdade e Método I, 356).

É na tradição que o interprete adquire consciência de seu lugar histórico. A consciência a qual Gadamer se refere é consciência da situação hermenêutica, que é justamente a consciência de que no processo de compreensão existe um conjunto de opiniões prévias (prejuízos) e condições do próprio texto. A consciência dessas determinações que antecede à interpretação, imersas na situação hermenêutica do sujeito, é a consciência da situação histórica. Gadamer propõe despertar a consciência humana para os limites hermenêuticos de sua situação, que pelo que podemos constatar são limites históricos.

Gadamer reconhece a tradição como uma forma legítima de autoridade. Ela é em primeiro lugar uma atribuição a pessoas, e essa atribuição tem seu fundamento em um ato de reconhecimento e de conhecimento, *“reconhecer que o outro está acima de nós em juízo e em visão, e por causa disso seu juízo precede ou tem primazia sobre nosso juízo” (Verdade e Método I, 371)*. Não há oposição entre razão e tradição, na realidade a tradição é sempre um momento de liberdade e da própria história, mas mesmo as tradições mais autênticas e a tradição melhor estabelecida precisam ser afirmadas, assumidas e cultivadas. A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre deve estar atuante nas mudanças históricas. O antigo sempre se conserva, mesmo em tempos revolucionários ele consegue se conservar e se fundir com o novo.

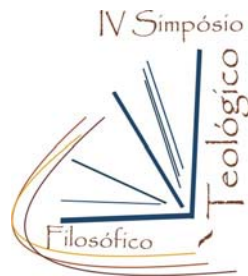


Para Gadamer estamos sempre inseridos na tradição, nós nos reconhecemos como fruto dessa tradição.

Para Gadamer, o conceito de consciência está ligado diretamente à finitude da vida humana; a consciência é formada historicamente, portanto não é pura e absoluta, mas histórica e lingüística. Assim, a visão que temos das coisas, mediada pela consciência, está sempre situada, não podemos conhecer as coisas mesmas, mas somente seu fenômeno que é um dar-se da coisa. Portanto, o conceito de distância temporal é um dos elementos produtivos que compõem o círculo hermenêutico da compreensão. Após a análise da defesa que Gadamer faz da importância dos pré-juízos para a compreensão e seus desdobramentos na forma de autoridade e tradição e de ilustrar a historicidade com o modelo de clássico, passamos a analisar o conceito de distância.

Para Gadamer, “a compreensão se inicia ali onde algo nos interpela” e essa condição é uma condição hermenêutica suprema, ou seja, a compreensão se inicia com a pergunta e sua estrutura ontológica. Nós perguntamos quando nos sentimos interpelados por algo que não foi compreendido, só perguntamos quando somos capazes de realizar projetos e buscar as raízes de nossas dúvidas. Gadamer caracteriza a pergunta como condição hermenêutica originária, pois é com ela que iniciamos a busca da compreensão. O esforço hermenêutico começa pela pergunta, porque, no ato de perguntar começamos a tomar distância dos pré-juízos nos quais estamos imersos, e essa é uma das primeiras barreiras que devemos transpor para alcançar a compreensão.

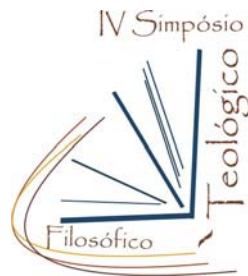
A distância temporal é um conceito produtivo porque ela reconhece o pensamento de intérprete como verdadeiramente histórico, a partir do momento que este se percebe como historicidade. A distância afasta o intérprete dos seus pré-juízos e o aproxima da tradição, a fim de que este possa descobrir os nexos que o ligam a obra de ele quer interpretar.



Gadamer recupera uma concepção que foi esquecida pela hermenêutica tradicional, a concepção de distância temporal e sua importância para a compreensão. Essa concepção rompe com a hermenêutica romântica, na medida em que já não se tem em mente a individualidade e sua opinião, mas a verdade da coisa, ou seja, um texto não é compreendido como mera expressão de vida, mas é levado a sério na sua pretensão de verdade. A distância temporal trata de reconhecer a distância de tempo como uma possibilidade positiva e produtiva do compreender, *“ela não é um abismo devorador, mas está preenchida pela continuidade da herança histórica e da tradição, em cuja luz nos é mostrada toda tradição”* (Verdade e Método I, 393)

Os efeitos dos fenômenos na história devem servir como um interesse histórico. Gadamer chama-nos atenção para a importância da história efetual sempre que uma obra da tradição precisar ser traduzida da situação em que se encontra para a compreensão. Para Gadamer, sempre que procuramos compreender um fenômeno histórico a partir da distância histórica que determina nossa situação hermenêutica como um todo, encontramos-nos sempre sob os efeitos dessa história efetual, é ela que determina de antemão o que se mostra questionável e se constitui em objeto de investigação. Segundo Gadamer, o princípio da história efetual foi ocultado pelo objetivismo histórico, então agora é necessário aprender a conhecer-nos melhor e reconhecer que os efeitos da história efetual operam em toda a compreensão. A consciência histórico-efetual é um momento da realização da compreensão, ela nos dirige à pergunta correta que devemos dirigir ao texto.

A consciência histórica efetual é, em primeiro lugar, consciência da situação hermenêutica, entendendo situação como o fato de não estarmos diante da coisa que será interpretada, assim não se dispõe de um saber objetivo sobre ela. Na situação hermenêutica o sujeito encontra-se diante de uma tradição que pretende compreender. A reflexão da história efetual não se realiza plenamente e isso não é consequência da reflexão, mas faz parte da



própria essência de ser histórico que somos, um ser que não se esgota nunca num saber-se. O conceito de situação limita as possibilidades de ver, junto com o conceito de tradição, Aqui Gadamer introduz o conceito de horizonte. Horizonte “*é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto*” (*Verdade e Método I*, 399), é o lugar onde o sujeito se encontra e a visão que ele pode ter a partir desse ponto onde se encontra. Aquele que não tem horizonte, é um homem que não consegue ver nada além daquilo que está diante de seus olhos, vê apenas o presente. Enquanto que aquele que tem horizonte sabe valorizar corretamente o significado de todas as coisas que pertencem ao seu horizonte. A situação hermenêutica significa então a obtenção do horizonte de questionamento correto para as questões que se colocam diante da tradição. Existem dois tipos de fenômenos: o horizonte onde vivemos e o horizonte para o qual devemos nos deslocar. Tradição é o horizonte passado do qual vive toda vida humana e que está sempre em movimento, ela é um Horizonte que resulta da junção de todos os horizontes históricos, e que se movimenta a partir de dentro e que abarca a profundidade histórica de nossa autoconsciência para além das fronteiras do presente.

Para Gadamer, compreender a tradição requer um horizonte histórico, pois é necessário deslocarmo-nos até outra situação, o conceito de deslocar-se significa transportarmo-nos até outra situação, e isso só pode se feito a partir de um ponto, de um horizonte. Essa atitude de deslocar-se a outra situação significa o abandono das particularidades rumo a uma universalidade. O conceito de horizonte torna-se interessante “*pois expressa essa visão superior e mais ampla que deve ter aquele que compreende*” (*Verdade e Método I*, 403). Obter um horizonte significa ver para além daquilo que lhe está próximo, e ver de forma mais justa. Gadamer tenta recuperar o verdadeiro conceito de consciência histórica que foi deturpado pela ciência histórica moderna. Este conceito é visto apenas como metodologia da moderna ciência da história, mas para Gadamer a verdadeira consciência histórica sempre tem em vista seu



presente, sendo capaz de ver as relações corretas entre si mesmas e o historicamente outro.

Outro conceito de importância para a compreensão é o conceito de destaque: destacar é uma relação recíproca, pois a partir do momento que destacamos algo de outra coisa essa outra coisa também ganha destaque. Gadamer descreve esse processo como pôr em jogo os pré-conceitos: uma situação hermenêutica está determinada pelos pré-conceitos que trazemos conosco e estes formam o horizonte de um presente, pois representam aquilo além do que já não conseguimos ver. Mas Gadamer adverte que não devemos pensar que o que determina e limita o nosso horizonte é um conjunto de opiniões e valores fixos e que alteridade do passado se destaca do presente como se aquele fosse um fundamento sólido (opiniões e valores) que apresentam de forma acabada.

“O horizonte do presente está num processo de contínua formação, na medida em que estamos obrigados a pôr em prova nossos preconceitos. Parte dessa prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos” (VM, 404).

Para Gadamer, não existe um horizonte do presente em si, separado do passado, pois passado e presente mantêm uma relação dialógica. Compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos, a tradição é o lugar dessa fusão, é nela que passado e presente se encontram e crescem juntos formando uma validade vital sem que um se destaque sobre o outro. O horizonte histórico é apenas uma fase ou um momento da compreensão. No conceito de horizonte está contida a idéia de movimento. O conceito de horizonte tem a ver com a compreensão, e todo processo de compreensão requer um horizonte histórico que lhe sirva como ponto de partida. Tanto os pré-conceitos como a tradição são horizontes que tornam possível a compreensão. Para Gadamer, ao nos voltarmos para algo que desejamos compreender estamos realizando um



processo dialético, e todo processo dialético é um encontro com outro cujo centro é uma linguagem, e se descreve como uma relação do *eu* com o *mundo*.

Estes são alguns conceitos centrais que compõem o núcleo da hermenêutica filosófica de Hans- Georg Gadamer. Eles foram aqui tematizados para fundamentar, justificar a afirmação de que na teoria da racionalidade das tradições opera uma pequena hermenêutica de influencia gadameriana, no entanto esta abordagem deixa de lado muitos aspectos desta influencia sobre a filosofia deste grande filósofo contemporâneo. Uma abordagem completa pode ser encontrada em Carvalho (2004)².

A Teoria da Racionalidade das Tradições Morais de Alasdair MacIntyre

Para Alasdair MacIntyre, ao contrário da asserção iluminista, a tradição possui um valor epistemológico. Para ele a compreensão humana é constituída no interior de tradições e são elas que constituem o substrato a partir do qual se constroem as razões do homem e de sua ação no mundo em que vive. Assim não existe racionalidade prática fora das tradições, mas só no interior das mesmas. Ele afirma que

Todo raciocínio acontece dentro do contexto de algum modo de pensamento tradicional, transcendendo por intermédio da crítica e invenção, as limitações do que até então se pensava dentro daquela tradição. (Depois da Virtude 2001, p. 372)

Descubro que faço parte de uma história e isso é mesmo que dizer, em geral, quer eu goste ou não, quer eu reconheça ou não, que sou um dos portadores de uma tradição. (Depois da Virtude 2001, p. 372)

MacIntyre busca recuperar o conceito de tradição não mais com algo passado estaticamente através das gerações, mas sim como portadora de uma

² Carvalho, Helder Buenos Aires de Carvalho. Tese de Doutorado, UFMG, FAFICH.

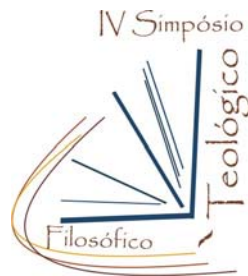


dinâmica interna na qual o conflito tem um lugar necessário na sua constituição. *“As tradições quando vivas contêm continuidade de conflitos”* (Depois da Virtude 2001, p. 373). Para MacIntyre, as tradições de pesquisa sempre têm um ponto de partida histórico contingente em alguma situação em que se põs em questão uma série de crenças e práticas estabelecidas que pressuponham crenças;

“toda forma de pesquisa começa a partir de uma condição de pura contingência histórica, de crenças, instituições e práticas de uma comunidade particular que constituem um dado” (Depois da Virtude 2001).

A tradição é responsável pela formação do caráter do sujeito moral. O caráter do sujeito moral é formado e desenvolvido num contexto social determinado por sua participação nas práticas constituídas em cada tradição em torno dos fins da mesma. Ele adquire sua maturidade através da reflexão sobre o gênero de vida que vivencia e pelas avaliações das ações como vícios e virtudes, por meio de uma narrativa pessoal construída no interior de uma comunidade e dela constitutiva. Existe dentro da estrutura das tradições, uma concepção de pesquisa que é responsável pela elaboração de um modo de vida social e moral. É essa concepção de pesquisa racional que MacIntyre acredita ser capaz de devolver racionalidade aos conceitos e práticas morais contemporâneos, e foi justamente a omissão deste tipo de racionalidade que gerou a interminabilidade do debate moral característico de nossa época.

O conceito de tradição com o qual MacIntyre opera em sua ética é a *tradição enquanto pesquisa racional*. Ele procura forjar um conceito de tradição que não negue as conquistas das tradições como constitutivo epistemológico e que reafirma a condição histórica tanto da vida prática como da vida do espírito. MacIntyre define tradição como

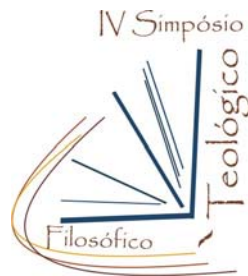


“Uma argumentação desenvolvida ao longo do tempo onde certos acordos fundamentais são definidos e redefinidos em termos de dois conflitos: conflitos internos interpretativos, através dos quais o significado e os acordos fundamentais são expressos fornecendo um progresso para toda a tradição; e debates com críticos e inimigos externos que rejeitam todos ou pelo menos parte dos acordos fundamentais” (Depois da Virtude 2001, p 23).

É o conflito que garante o movimento da tradição rumo a seu fim, ao seu *telos*. As tradições são movimentos históricos ao longo do quais seus adeptos tornam-se conscientes da mesma e de sua direção, ao tempo em que se engajam em seus debates e dão prosseguimento às suas pesquisas,

“uma tradição viva é, então, uma argumentação que se estende na história e é socialmente incorporada, e é uma argumentação, em parte, exatamente sobre os bens que constituem a tradição” (Depois da Virtude 2001, p. 373).

MacIntyre deixa claro que a tradição é portadora de uma dinâmica interna, e que o conflito é um elemento importante dentro da estrutura da tradição, pois ele é responsável pela definição e redefinição dos acordos fundamentais que estabelecem os primeiros princípios da tradição. Estes princípios são reconhecidos por todos os adeptos das tradições e geralmente não levantam questionamentos, pois eles respondem as questões formuladas e estabelecem um padrão de vida moral e social que todos os indivíduos devem buscar. Porém, pode acontecer que, em determinado estágio de desenvolvimento da tradição- quando a tradição entra em crise interna ou quando são confrontados com outra tradição rival e incompatível- estes princípios não sejam mais capazes de responder às inquietações levantadas e se dissolvam em contradições, neste momento os adeptos da tradição reconhecem que eles não servem mais ao propósito da mesma. Então, estes princípios são abandonados e os teóricos da tradição se lançam na formulação de novos argumentos e



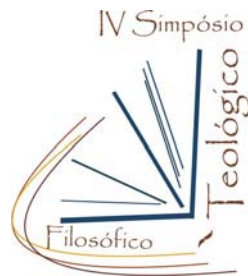
teorias que forneçam novos princípios para a tradição e que dêem continuidade a sua narrativa.

Estes novos princípios formulados devem ser superiores em racionalidade com relação aos princípios anteriores. Os primeiros princípios forjados no interior das tradições só podem ser justificados pela superioridade racional que adquiriram ao ultrapassarem as outras tentativas de formular tais primeiros princípios e teorias no interior da tradição particular e de resistir ao confronto com teorias éticas rivais que rejeitam seus acordos fundamentais. Assim a justificação racional é uma narrativa histórica do debate e do conflito dentro das tradições particulares e do debate e da discordância entre tradições morais rivais, são esses debates que permitem a adequação ou não dos primeiros princípios que são constituintes e constitutivos da racionalidade das tradições.

As tradições, enquanto movimentos históricos podem cair em contradição e destruir-se. Os conflitos internos podem destruir o acordo fundamental que dá sustentação às práticas das tradições, eles podem gerar uma divisão entre dois ou mais componentes em conflitos, transformando seus adeptos em críticos externos, podem até levar a tradição à incoerência e à sua dissolução. A narrativa histórica de tradições implica:

“uma narrativa da pesquisa e do debate dentro de uma tradição e também uma narrativa e do debate e da discordância entre uma tradição e suas adversárias, debates e discordâncias que definem pormenorizadamente os diversos tipos de relações antagônicas” (Depois da Virtude 2001, p. 376).

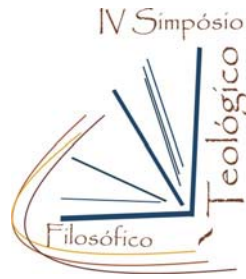
Pode também acontecer, afirma MacIntyre, que duas tradições, até então independentes e mesmo antagônicas, passem a reconhecer a possibilidade de uma fusão através de um debate único e mais complexo.



MacIntyre identifica três estágios no desenvolvimento inicial de uma tradição. O Primeiro, no qual as crenças, textos e autoridades relevantes ainda não foram questionadas. O segundo, no qual vários tipos de inadequação foram identificados, mas não ainda solucionadas; quando dentro das tradições morais os primeiros princípios se dissolvem em contradições e não mais respondem às inquietações de sua comunidade, ocorre o que MacIntyre chama de crise epistemológica. A crise epistemológica é um estado de dissolução das crenças e argumentos historicamente fundados, essa crise atinge o âmbito da reflexão e da prática social. Para MacIntyre a crise epistemológica é o estado no qual o que se considerava evidente torna-se suscetível de interpretações rivais. Para os agentes racionais envolvidos, a crise epistemológica aparece como *“um estado no qual aquilo que se considerava como evidente, apontado sem ambigüidade para alguma direção resultou agora estar igualmente suscetível a interpretações rivais”* (Depois da Virtude 2001, p 388).

E um terceiro estágio, no qual a reação a tais inadequações resultou numa série formulações, reavaliações, novas formulações e avaliações concebidas, a fim de solucionar as inquietações e superar as limitações. Quando se alcança o terceiro estágio de desenvolvimento, os membros da comunidade que aceitaram as crenças da tradição na sua nova forma tornam-se capazes de contrastar suas novas crenças com as antigas. O desenvolvimento de uma tradição acontece à medida que elas são capazes de superar seus conflitos internos, reformulando seus argumentos, fornecendo uma nova base para os acordos fundamentais e mantendo sua coerência interna. As tradições amadurecem quando seus adeptos encontram uma maneira racional de superar os conflitos, sejam eles internos ou externos que ameaçam romper com a narrativa histórica de sua tradição.

O conceito de tradição de pesquisa racional deixa entrever a íntima relação entre história, filosofia e sociologia. É neste nexos entre filosofia, história e sociologia que se gesta o conceito de pesquisa racional como constitutivo da



tradição e constituído por ela, ou seja, uma racionalidade que é parte de uma estrutura social historicamente marcada cristalizada numa tradição social, e que carrega esta marca nas suas estruturas sociais, não se compreendendo fora desta tradição.

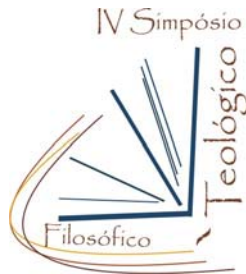
MacIntyre lança mão da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer para fundamentar sua teoria da racionalidade das tradições, uma leitura atenciosa de *Verdade e Método*, deixa claro esta apropriação.

A matriz hermenêutica da teoria da racionalidade das tradições

Essa defesa da tradição como lugar da racionalidade é uma leitura e uma interpretação que MacIntyre faz da hermenêutica gadameriana. Uma leitura atenciosa de *Verdade e Método* nós leva a esta constatação.

Em MacIntyre, a tradição é apresentada na mesma condição epistemológica e ontológica, que é apresentada em Gadamer, uma vez que a finitude humana é levada a sério e incorporada em sua leitura de uma racionalidade implícita nas tradições. Para MacIntyre, o sujeito moral está sempre mergulhado numa conversação, que acontece sempre a partir do horizonte de uma tradição, e que pressupõe sempre o uso de critérios de verdade que lhe são próprios. Em Gadamer encontramos uma teoria hermenêutica que afirma a pertença à tradição como uma condição implícita no ser do homem, tal como entramos na filosofia moral de MacIntyre.

“Encontramo-nos sempre inseridos na tradição, e esse não é uma inserção objetiva, como se o que a tradição nos diz pudesse ser pensado como estranho ou alheio; trata-se sempre de algo próprio, modelo e intimidação, um reconhecer a si mesmos no qual o nosso juízo histórico posterior não verá tanto um conhecimento,



mas uma transformação espontânea e imperceptível da tradição.” (Verdade e Método, 2003, p. 374).

A hermenêutica filosófica tal como foi elaborada por Gadamer, tem a pretensão de tornar-se um novo paradigma filosófico. A questão central é a pergunta pela possibilidade da compreensão humana. Para Gadamer, os indivíduos são marcados pela tradição histórica a qual pertencem, e esta tradição histórica é um pressuposto importante para o conhecimento. O cerne da hermenêutica filosófica é constituição histórica do sentido, um sentido que é constituído a partir da pertença a uma tradição. Aqui percebemos que a tradição é um constitutivo fundamental para a compreensão do indivíduo, e podemos identificar esta afirmação também na obra de MacIntyre.

“O que é consagrado pela tradição e pela herança histórica possui uma autoridade que se tornou anônima, e nosso ser histórico e finito está determinado pelo fato de também a autoridade do que foi transmitido, e não somente o que possui fundamentos evidentes, tem poder sobre nossa ação e nosso comportamento” (Verdade e Método, 2003, p. 372).

A influência de Gadamer sobre a filosofia moral de MacIntyre não se limita apenas à apropriação do conceito de tradição, mas se estende também ao diagnóstico da situação em que se encontra a tradição no contexto do Iluminismo. O Iluminismo e seus adeptos lançaram uma visão negativa sobre a tradição, a autoridade e todas as formas de preconceitos, afirmando estes como contrários e negadores da razão.

“Seja como for, a tendência do iluminismo é não deixar valer autoridade alguma diante do tribunal da razão” (Verdade e Método 2003, p. 362).



“Tanto a crítica da Aufklärung à tradição, quanto a sua reabilitação romântica, ficam muito aquém de seu verdadeiro ser histórico” (Gadamer, 2003, p. 374).

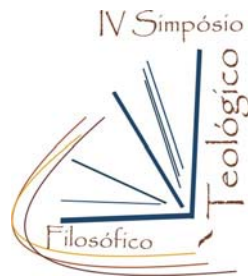
Gadamer defende a tradição como um momento de liberdade e da própria história, e afirma a tradição como um movimento histórico que precisa ser afirmado e cultivado.

“Também a tradição mais autêntica e a tradição menos estabelecida não se realizam naturalmente em virtude da capacidade de inércia que permite ao que está aí de persistir, mas necessitam ser afirmadas, assumidas e cultivadas. A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre está atuante nas mudanças históricas.” (Verdade e Método 2003, p. 373).

Identificamos que a importância da experiência da tradição para a compreensão está explícita no ato de Gadamer a reconhecer como uma experiência de linguagem é o ele chama de *acontecer hermenêutico*:

“Quando encontramos na tradição algo que compreendemos, se trata sempre de um acontecer. Quando alguém recolhe uma palavra da tradição, quando faz falar essa palavra, também sucede algo. Não se trata então de uma compreender a história como transcurso, mas de uma compreensão daquilo que nos sai de encontro na história que é concernente a nós e que nos interpela” (Verdade e Método II, p. 141).

Verdade e Método é uma obra que gerou um grande impacto nos debates filosóficos contemporâneos, principalmente no contexto da reviravolta lingüística, com a descoberta da historicidade dos conceitos. O problema que

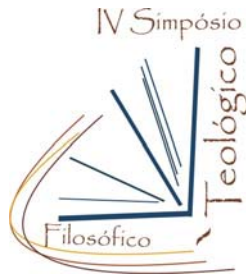


movera a obra era, além da compreensão em si mesma, a compreensão possível do mundo. Uma filosofia que pretendia, pensando a si mesma, pensar o mundo e o nosso conhecimento dele. A recepção do livro, as bases que partia a filosofia gadameriana foram fortemente questionadas quanto à possibilidade de instaurar uma idéia de razão. Um pensamento que dialogava com a tradição, com línguas distantes e culturas antigas e que as tomava como princípios para refletir sobre as condições históricas e filosóficas da interpretação e da compreensão, pareciam não ser suficientemente nítido ao contexto filosófico dos anos sessenta. Porém, a repercussão que se seguiu a esse que é o *magnum opus* de Gadamer veio confirmar a fecundidade da idéia fundamental de uma hermenêutica filosófica e, como resultado, o livro é lido e debatido ainda hoje em contextos diferentes.

Conclusão

O problema central que perpassa toda obra de MacIntyre é a preocupação em devolver às teorias e práticas morais uma qualidade racional que foi abandonada na contemporaneidade. Seus estudos esforçam-se no sentido de reabilitar um paradigma de racionalidade ética que encarne a contingência e natureza histórica da teoria e práticas morais e suas cristalizações em uma ordem social, portanto, que se estruture e se reconheça como uma tradição moral de pesquisa racional.

Para MacIntyre somente a retomada da ética aristotélica das virtudes como uma tradição de pesquisa racional é que assume a qualidade de um paradigma de racionalidade ética superior. Somente o restabelecimento do paradigma da tradição das virtudes vai devolver a qualidade racional ao agir e ao pensar moral, fundado numa visão do *telos* humano constituído como uma narrativa histórica. Esta narrativa histórica situa as ações morais no quadro de um conjunto de princípios e padrões racionais que resultam de debates externos e internos, formulados ao enfrentar crises e questões que surgem no interior das práticas constitutivas da tradição de pesquisa e ação moral.



Nesse contexto podemos identificar claramente a influência, bem como a importância, da hermenêutica filosófica de Gadamer para formulação do conceito de racionalidade das tradições morais. É somente após a estruturação deste conceito sobre uma base hermenêutica que MacIntyre pode restabelecer o paradigma da tradição das virtudes sobre o prisma aristotélico-tomista. Assim a condição de possibilidade da restauração da teoria das virtudes enquanto uma tradição de pesquisa é sustentação da teoria da racionalidade das tradições morais de base hermenêutica. Ao que parece, apesar de todas as críticas, a teoria da racionalidade das tradições está consolidada sobre uma base forte.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. **Hermenêutica e Filosofia Moral em Alasdair MacIntyre**. Belo Horizonte, MG: FAFICH/Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. (Tese de Doutorado)

_____. **Tradição e Racionalidade em Alasdair MacIntyre**. São Paulo, SP: Editora Unimarco, 1999.

GADAMER, Hans-Georg, **Verdade e Método I. Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica**. [1997] 5ª ed. Tradução de Flávio P. Meurer. Nova revisão de Ênio Giachini e Márcia Sá Cavalcante-Schubac. Petropolis: Vozes/ Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2003.

MACINTYRE, Alasdair. **Justiça de Quem? Que Racionalidade?** Trad. Marcelo Pimenta. São Paulo: Loyola, 1991. (JR)

_____. **Animales racionales y Dependientes**. Por qué los seres humanos necesitamos las virtudes. Barcelona: Paidós; 2001, 204p.

_____. **Tres Versiones Rivales de la Ética. Enciclopedia, Genealogía y Tradición**. Trad. Rogelio Rovira. Madrid: Ediciones Rialp, 1992.

_____. **Depois da Virtude: um estudo em teoria moral**. Tradução de Jussara Simões; revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru, SP: EDUSC, 2001.